

# Por que enterrar na várzea?: concepções sobre a morte e o morrer para um povo tradicional camponês que habita à margem do rio Solimões, Amazonas<sup>1</sup>

*Why bury In the floodplain?: conceptions about death  
anda dying for a traditional peasant people who live on  
the bank of the Solimon river, Amazonas*

Felipe Magno Silva Pires<sup>2</sup>

Sérgio Ivan Gil Braga<sup>3</sup>

**Palavras-chave:**

Morte;  
Comunidade  
tradicional;  
Várzea;  
Amazonas.

**Resumo:** Este artigo assume o propósito de apresentar a perspectiva do povo tradicional camponês de uma comunidade de várzea do Estado do Amazonas a respeito da morte e do morrer. Os comunitários que vivem à beira do rio Solimões têm o costume de sepultar seus mortos em terreno próximo de suas casas, contudo a várzea sofre com o processo de erosão fluvial, quando o movimento de cheia e vazante do rio derruba grandes pedaços de terra, o que leva às águas partes do cemitério comunitário ao longo do ano. Existe a possibilidade de o povo tradicional enterrar seus mortos em terra firme, mas ele prefere que os corpos permaneçam em terreno de instabilidade, criando estratégias para evitar as quedas das urnas funerárias na água do rio Solimões. Este artigo foi construído sob a égide de uma pesquisa qualitativa, com abordagem sociológica, por meio de entrevista profunda, como sugere Bourdieu, que é quando podemos ouvir os participantes quantas vezes forem necessárias, mas também traz para a discussão questões filosóficas e, sobretudo, a antropologia da morte. A discussão dos dados é de cunho fenomenológico. Fo-

---

1 Recebido em 28 de setembro de 2024; aprovado em 30 de outubro de 2024.

2 Felipe Magno Silva Pires é Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM e Mestre em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas. Seus interesses de pesquisa são povos tradicionais não indígenas, religião, religiosidade, morte, luto, além de abordagens cemiteriais.

3 Professor Dr. da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

**Keywords:**

Death;  
Traditional  
community;  
Floodplain;  
Amazonas.

ram aplicados questionários com 6 comunitários, 3 homens e 3 mulheres, algumas das pessoas de maior importância da comunidade, contendo perguntas abertas e fechadas, cuja intenção foi investigar as concepções locais sobre a morte e o morrer e por que o povo tradicional tem o costume de sepultar seus mortos em terreno de instabilidade. A Pesquisa de Campo foi realizada entre junho e agosto de 2024. Os resultados dão conta de que o hábito de sepultar na várzea tem a ver com o sistema de crenças local.

**Abstract:** *This article aims to present the perspective of the traditional peasant people of a floodplain community in the State of Amazonas regarding death and dying. Community residents who live on the banks of the Solimões River have the custom of burying their dead in land close to their homes, however the floodplain suffers from the process of river erosion, when the movement of the river's ebb and flow destroys large pieces of land, which takes parts of the community cemetery to the water throughout the year. There is the possibility of traditional people burying their dead on dry land, but they prefer that the bodies remain on unstable ground, creating strategies to avoid funeral urns falling into the water of the Solimões River. This article was constructed under the auspices of qualitative research, with a sociological approach, through in-depth interviews, as suggested by Bourdieu, which is when we can listen to the participants as many times as necessary, but also brings philosophical questions into the discussion and, above all, the anthropology of death. The discussion of the data is of a phenomenological nature. Questionnaires were administered to 6 community members, 3 men and 3 women, some of the most important people in the community, containing open and closed questions, the intention of which was to investigate local conceptions about death and dying and why traditional people have the custom to bury their dead in unstable terrain. The Field Research was carried out between June and August 2024. The results show that the habit of burying in the floodplain has to do with the local belief system.*

**Introdução**

O Estado do Amazonas é o maior do Brasil em extensão territorial, ocupado por diferentes povos tradicionais indígenas, quilombolas e camponeses, sobretudo aqueles que residem à margem dos rios. Um desses territórios é o Careiro da Várzea, município que está localizado a 22 km da capital, Manaus. “O município ocupa quase toda faixa marginal do rio Solimões, sendo que 90% do seu território é assentado em terreno de várzea” (PIRES, 2024, p. 35). A região é dividida entre muitas comunidades, ocupadas por pequenos núcleos de pessoas que tiram a maior parte de sua subsistência do

rio. São pescadores e agricultores em sua grande maioria, mas alguns também criam animais de pequeno e grande porte, como bovinos e bufalinos.

A várzea amazônica tem a característica de ser alagada durante o ciclo anual “[...] de fertilização, causado pelo movimento enchente, cheia, vazante e seca e não pela distribuição da

chuva local” (WITKOSKI, 2007, p. 57). Ao mesmo tempo que o solo é rejuvenescido por aluviões férteis, o que o torna bastante propício à agricultura, é por causa deste ciclo anual que ocorre o processo de erosão fluvial, popularmente conhecido como *terras caídas*. “O processo erosional, ou terras caídas, é causado por fatores naturais (hidrodinâmicos, litológicos, climáticos, neotectônicos) [...]” (MATOS, 2015, p. 167).

A erosão fluvial é imprevisível, pois não se sabe quando nem em que quantidade a terra vai cair no rio Solimões, o que caracteriza um risco às moradias do povo tradicional, que necessita puxar suas casas para longe da beira da terra ou transformá-las em casas flutuantes para viverem sobre a água. A erosão fluvial também é a causa da queda das urnas funerárias do cemitério da comunidade local.

A vida nas comunidades tradicionais de várzea do Amazonas é marcada pelos ciclos naturais do rio, que influenciam diretamente as atividades econômicas e as demais relações sociais. Entre dezembro e julho, os rios estão cheios e a comunidade é alagada, de modo que compromete o trabalho na agricultura, bem como a única forma de se locomover é por meios das embarcações. A pesca é então a única alternativa de trabalho que se apresenta nesta época. Os modos de ser e existir do povo tradicional serão apresentados detalhadamente mais tarde.

Este artigo se propôs a investigar as concepções sobre a morte e o morrer para os camponeses de uma comunidade tradicional do Amazonas, localizada no município do Careiro da Várzea, na intenção de também compreender as razões das pessoas enterrarem seus entes queridos em terreno de instabilidade, tendo em vista que os cemitérios de várzea são muito comuns no Estado do Amazonas.

Ao longo de 7 anos realizando pesquisa de campo na comunidade, surgiu o interesse por investigar as particularidades do cemitério e por compreender o que pensa o povo tradicional a respeito da morte e do morrer em uma pequena comunidade de casas espaçadas, construídas em madeira, alguns metros acima do solo, no sentido de evitar inundações causadas pelas águas do Solimões durante o período da cheia, onde vivem cerca de 187 moradores<sup>4</sup> (IBGE, 2022).

A comunidade é formada por pessoas que estão ali há muito tempo. Imersas nesse cenário, as relações sociais se tornam mais evidentes, pois todos fazem parte de

---

4 O Careiro da Várzea possui uma população de 19.738 habitantes, de acordo com o senso do IBGE (2022).

uma grande malha de interdependência. A hipótese é de que os mortos também fazem parte dessa teia social que une o macrocosmo do povo tradicional, o que se torna ainda mais evidente nas vozes dos moradores do *lócus* da pesquisa.

A questão da morte e do morrer ainda é uma categoria de análise pouco explorada quando se trata de compreender os modos de ser e existir dos povos tradicionais do Estado do Amazonas. Tais percepções contribuem para elucidar um novo aspecto relacionado aos camponeses amazônicos que residem à beira dos rios, uma vez que a ação da água sobre o cemitério causa grandes impactos sociais, que serão explorados de forma mais específica ao longo do artigo.

As perguntas para as entrevistas semiestruturadas foram elaboradas na intenção de identificar os perfis dos participantes da pesquisa e as suas percepções a respeito do cemitério, da morte e do morrer numa comunidade amazônica, sob a técnica da entrevista profunda, como é proposta por Bourdieu. “Não há maneira mais real [...] de explorar a relação de comunicação na sua generalidade que a de se ater aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos, o que decorre do caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga” (BOURDIEU, 2008, p. 693). A escolha por este instrumento de pesquisa é porque nos dá a possibilidade de retomarmos a entrevista quantas vezes forem necessárias, de modo a tornar mais claras as percepções do povo tradicional sobre o cemitério, a morte e o morrer na comunidade, contudo é indispensável frisar que a eficácia da escolha por Bourdieu (2008) depende da capacidade dos pesquisadores de construir uma relação de confiança com as interlocutoras e os interlocutores, de modo a ter acesso às experiências do povo tradicional.

Este artigo traz ainda à questão discursiva abordagens que incidem sobre a filosofia e a antropologia, sobretudo a antropologia da morte, apresentando categorias êmicas como agência e interagência, memória, matéria, permanência e continuidade, considerando as percepções a respeito da morte e do morrer que têm os interlocutores e as interlocutoras do povo tradicional da comunidade Passos da Virtude. “A morte é um tema, por excelência, antropológico” (OLIVEIRA, 2021, p. 204). Tradição e costume também fazem parte das abordagens de análise propostas em relação às falas das pessoas que aceitaram participar deste trabalho.

Para fins éticos de pesquisa, o nome da comunidade foi alterado para Passos da Virtude, enquanto que às/aos participantes da pesquisa foram atribuídos nomes fictícios. Os homens foram identificados como rios amazônicos e as mulheres foram identificadas como plantas amazônicas. Desta maneira suas identidades foram resguardadas, o que foi fundamental para que as pessoas se sentissem mais seguras a respeito das suas entrevistas durante a pesquisa de campo.

Além das percepções sobre a morte e o morrer, o artigo apresenta os modos de

vida e as relações com o trabalho e com a terra que o povo tradicional ocupa, uma vez que para compreender a morte deve-se necessariamente compreender as percepções dos camponeses sobre o que significa viver numa comunidade de várzea amazônica, algo que só se torna possível por meio de uma análise a respeito das relações de interdependência que existem entre o povo tradicional.

### **A vida na comunidade de Várzea Passos da Virtude**

Um dos aspectos fundamentais dos povos tradicionais é seu modo de vida diferenciado. Sua percepção sobre o mundo diverge da concepção ocidental. Em sua maioria, retiram seu sustento dos recursos naturais disponíveis: terra, floresta e água, se adotarmos a perspectiva de Witkoski (2007). Em tais características se adequa o povo que habita a comunidade Passos da Virtude, localizada no município do Careiro da Várzea.

Passos da Virtude, a depender do período do ano, apresenta características diferentes, uma na cheia, outra na vazante. “É [...] pela variação de nível que as águas se impõem à nossa atenção como componente primacial da paisagem física do Careiro. Tão grande a amplitude da variação sazonal, tão diferente se apresenta a paisagem na estação da enchente e na da vazante” (STERNBERG, 1998, p. 29). Na época da cheia do rio, o transporte só é possível por pequenas embarcações, pois a terra e até mesmo as escadas das casas ficam submersas. É um período de maior recolhimento na comunidade, de menor fartura. Processo inverso ocorre na vazante do rio. Durante estes ciclos, o cemitério da comunidade costuma desaparecer.

A maioria das pessoas que reside em Passos da Virtude é pescadora, agricultora ou as duas coisas, contudo suas atividades são desenvolvidas sob os ciclos do rio Solimões. Entre dezembro e julho, época da cheia, as atividades são concentradas na pesca, de modo que a terra alagada impede o plantio de especiarias. Quando morre um comunitário durante este período, o corpo é enterrado provisoriamente em uma região mais alta da várzea, que não é alagada, até que o rio Solimões retorne ao seu “estado natural”, costume que será melhor explicado depois. Aqueles que criam animais de pequeno e médio porte constroem estruturas conhecidas como marombas<sup>5</sup>, para que eles não sejam prejudicados pela enchente.

Os comunitários que possuem mais recursos financeiros, geralmente aqueles que criam bovinos e bufalinos e são os maiores donos dos meios de produção, levam seus animais para a terra firme, local que não sofre com o processo de erosão fluvial e não é alagado pela água do rio. Pires (2024, p. 37) aponta que “os careirenses são [...]”

---

<sup>5</sup> Construção alta, de madeira, no estilo palafita, que serve de moradia aos animais no período da cheia do rio

grandes produtores de queijo coalho, além de cuidarem de seus rebanhos de gado, de criarem porcos, cabras, galinhas e patos. Cultivam especiarias [...] para a venda [...] e também para a subsistência de suas famílias”.

Os produtores costumam negociar sua produção excedente com outras comunidades, como a sede do município, na Vila do Careiro da Várzea, e a capital, Manaus. Para isso, necessitam de marreteiros, pessoas que possuem embarcações maiores, com bons motores, que buscam os produtos para vender nessas freguesias, cobrando uma taxa pela intermediação do negócio. O escambo também é muito comum na comunidade. Na época da enchente e do Defeso<sup>6</sup>, quando as opções de trabalho se tornam mais escassas, as redes de solidariedade e troca são ainda mais fortes.

No campo do lazer, o futebol, o dominó e o baralho, dadas as nossas observações de campo, são os preferidos, mas também as corridas de cavalo, promovidas pelos fazendeiros que residem do outro lado do rio Solimões, em terra firme, costumam atrair muito interesse, bem como outras atividades ilegais, como as rinhas de galo, que ocorrem com muita frequência em lugares mais isolados. Estas duas últimas atividades costumam envolver muitas apostas em dinheiro.

As moradias da comunidade Passos da Virtude são construídas em madeira, para facilitar a mobilidade e o desmonte em razão das características do solo da região. Quando o rio Solimões derruba grandes pedaços de terra, os moradores são obrigados a afastar suas casas. São dois processos: ou criam uma longa esteira em madeira, por meio da qual a comunidade toda se reúne para empurrar a casa para trás, atividade que recebe o nome de puxirão, ou então transformam seus lares em casas flutuantes, passando a viver de vez sobre a água do rio. O segundo processo é menos oneroso e também definitivo, contudo seu custo financeiro é muito maior. Transformar a casa em flutuante depende da contratação de mão-de-obra externa, da busca de materiais fora da comunidade, da escolha e do corte de uma boa madeira, que tenha dupla resistência: de sustentar a casa e ser durável na água (PIRES, 2024).

De acordo com Porro (1995, p. 23), “o ciclo biótico da várzea, e consequentemente o ciclo anual das atividades de subsistência humana, não depende, como na terra firme, da alternância de estações seca e chuvosa, mas do regime fluvial”. Toda a vida dos camponeses da várzea amazônica é regida pela vontade do rio, o que torna aquelas pessoas totalmente integradas à natureza, sobretudo à sua terra. “O camponês possui, com relação ao seu ecossistema, um conhecimento baseado no tempo ecológico e não cronológico” (WITKOSKI, 2007, p. 302). Um tempo ecológico que não consiste apenas no ideário da vida, mas também da morte.

---

<sup>6</sup> Época em que determinadas espécies de peixes são proibidas de pescar por Lei para que possam se reproduzir.

### **A morte na comunidade na comunidade de Várzea Passos da Virtude**

De acordo com dados do IBGE (2022), no município do Careiro da Várzea, as pessoas costumam morrer por problemas relacionados à velhice, mas a várzea apresenta outros riscos, mesmo na época da seca. Por ser imprevisível, o processo de erosão fluvial foi responsável por algumas mortes na comunidade Passos da Virtude. Há relatos, de acordo com dados colhidos na pesquisa de campo, de que pescadores e até mesmo casas flutuantes já foram atingidos e afundadas, respectivamente, pela queda da terra. Há um único caso em que uma criança foi derrubada junto com a terra e empurrada para o fundo do rio, de onde não conseguiu escapar.

Mas na época da enchente os perigos são ainda maiores. A região é infestada por grandes arraias e jacarés, que costumam se aproximar mais das casas em busca de comida, dada a escassez de alimentos. Cobras peçonhentas e sucuris também têm o hábito de invadir as casas para escapar da enchente. Não à toa aumentam as notícias de que alguém foi esporado pelo ferrão de uma arraia ou foi mordido ou picado por cobras e jacarés, causando algumas vezes o óbito. O momento de maior risco é quando as pessoas precisam desembarcar na água rasa para chegar às suas casas (PIRES, 2024).

A morte na comunidade é um processo carregado de significados, a começar pelo sistema de crenças. As pessoas costumam manter alguns ritos e tabus relacionados à morte, “[...] para que a morte não se apresse a visitar outra família” (GALVÃO, 1976, p. 65); principalmente os parentes consanguíneos, que se trancam em casa e não realizam nenhuma atividade externa durante sete dias, como pescar e cuidar da terra, práticas que estão relacionadas à crença de que dessa forma vão “fazer passar” o mau agouro, como explica Cumaru, professora aposentada de 77 anos: “A gente tem nosso costume nessas horas (da morte). A gente fecha a casa e reza pra esse espírito ruim ir embora. Fica todo mundo quietinho” (ENTREVISTA, 2024).

Toda a comunidade costuma fazer absoluto silêncio durante todo este período. O bar e o comércio abrem, visto que deles depende o sustento de algumas famílias, mas sem música. As crianças são aconselhadas a brincarem longe do cemitério, e a não passarem nem perto da casa da pessoa que faleceu. Ao final do sétimo dia, todos “voltam à vida normal”, pois já ocorreu a suspensão do tabu. Van Genep (2013, p. 129) explica que “os ritos de suspensão de todas as proibições e de todas as regras [...] do luto devem, portanto, ser considerados como ritos de reintegração na vida social [...]”. Os comunitários retornam a seus afazeres, mas o luto permanece, pois a morte é uma constante.

Diferentemente do contexto da cultura ocidental, onde “[...] a morte permanece

como assunto a ser evitado a todo o custo e sobre o qual não se debate com naturalidade [...]” (NOGUERA, 2022, p. 29), o povo tradicional encara a finitude da vida terrena com naturalidade, se referindo aos seus mortos como se eles estivessem vivos, como parte fundamental de sustentação da teia social, numa perspectiva do que Ariès (2014, p. 5) se refere como “morte domada”. Ariès parte da ideia de domesticação da morte ao pensar a Idade Média, onde as pessoas morriam em casa, na companhia de familiares e amigos, quando a morte era aproximada, tratada com naturalidade, sem receio. Esta ideia de domesticação da morte aparece nas vozes dos interlocutores e das interlocutoras desta pesquisa.

A morte de comunitário representa uma perda a todas as famílias, mesmo que a pessoa que partiu não mantenha laços de sangue com a maioria do povo tradicional. Acontece que as relações de interdependência são muito fortes. Quanto menor o lugar, maiores são as redes de interdependência. Não se perde apenas um pescador ou uma agricultora, se perde uma parceira de trabalho, um amigo de sociabilidade, e se apequena a força dos puxirões, pois numa comunidade de várzea é onde “[...] os limites de *individualidade* são superados através da presença do *outro*, criando um *nós* que articula a vida da unidade de produção familiar entre si, criando a vida comunal” (WITKOSKI, 2007, p. 431). Mas isso não significa que a pessoa que partiu deixou de fazer parte da sociedade, pois o *nós*, para o povo de Passos da Virtude, também inclui os mortos, como explica Cumaru:

[...] Nossos mortos pertencem à comunidade. Manter eles aqui (enterrados no cemitério local) é uma forma de respeito. Eles nasceram e viveram aqui. A terra cai? Sim, mas a gente pode ter um cemitério. Sinto que os mortos também ‘olham’ por nós (ENTREVISTA, 2024).

Independentemente das características da terra, embora as urnas funerárias costumem cair no rio, Cumaru afirma que os mortos pertencem à comunidade. Se o rio é determinante para os modos de vida em Passos da Virtude, a água não se apresenta como um problema. Ao contrário, é por meio da água que os camponeses produzem sua própria existência. O rio é a entidade máxima: alimenta, conduz os barcos e fertiliza a terra. Se os mortos pertencem à comunidade, a água também é vida para eles. Diegues (1989, p. 17) nos ajuda a pensar na agência do rio sobre o corpo enterrado no cemitério local ao esclarecer que “a água é um dos símbolos com maior número de significados, mas que podem ser reduzidos a três principais: fonte de vida, meio de purificação e centro de regeneração”.

Quando morre alguém da comunidade, o corpo é transferido para a capital, Manaus, por meio de um barco conhecido como SOS, cujo dono, morador de uma comu-

nidade vizinha a Passos da Virtude, cobra pelo serviço. Findo o processo de autópsia, o corpo é entregue aos cuidados da família. Geralmente é o próprio barco SOS que retorna o corpo à comunidade, mas os parentes podem optar por enterrar quem faleceu no cemitério da Vila do Careiro, em terra firme, onde fica a prefeitura do município, e também podem receber, gratuitamente, a urna funerária, como explica Juruá, pescador de 63 anos:

Isso é verdade, a gente pode enterrar o morto na sede (Vila do Careiro), sem que cobrem dinheiro por isso. O prefeito dá o caixão, de madeira ruim, mas dá. Lá não tem risco do corpo cair (na água), mas a gente traz pra cá. A gente gosta de cuidar do morto (ENTREVISTA, 2024).

Koury (2003b, p. 61), ao se referir a algumas das muitas comunidades brasileiras, deixa claro que “a preparação da e para a morte era sentida como uma espécie de normalidade cotidiana, bem como os estreitos vínculos entre os vivos e os mortos. [...] A vida e a morte, embora entendidas como dois mundos, faziam parte do mesmo imaginário social”. Noção que é possível perceber em Passos da Virtude. O povo local domestica a morte (ARIÈS, 2014).

Mas essa domesticação da morte não é apenas tratar o morto com naturalidade, como parte indissociável da vida, vai além. Em Passos da Virtude, existe um indivíduo específico que chamamos de *artesão da morte*. É uma profissão secundária, geralmente praticada por alguém que tem o hábito de trabalhar na construção das moradias da comunidade. São exímios escultores de madeira. O artesão da morte de Passos da Virtude é Purus, pescador e marceneiro de 42 anos.

Aprendi a fazer caixão com meu pai, que também fazia. Inclusive eu que fiz o dele. Ele tá enterrado ali (apontou para uma pequena cruz). É uma atividade que eu gosto de fazer. É uma forma de homenagem. Pra gente, essas pessoas jamais partiram. Se seus corpos estão aqui, aqui eles permanecem. Eles se transformaram em força da natureza. Às vezes eu vou lá conversar com ‘meu velho’, pedir um conselho, tomar a benção. Aqui, precisamos uns dos outros. Sem nosso cemitério, somos incompletos (ENTREVISTA, 2024).

Elias (2001, p. 9) explica que “dá a impressão de que as pessoas mortas, em certo sentido, ainda existem não só nas memórias, mas independentemente delas”. Domesticar a morte, para os comunitários, não pode ser encarada apenas como necessidade, é uma forma de afeto. Passos da Virtude é, como menciona Maffesoli (2018, p. 15), uma “comunidade emocional”. Dadas as nossas observações de campo, é a emoção que conduz as relações, independentemente de quaisquer outros fatores.

Se as pessoas que morreram também se tornaram forças da natureza, como enfatiza Purus, elas possuem agência sobre a vida daquelas pessoas que ainda são matéria. Se os espíritos passam a residir no panteão sustentado pelo sistema de crenças local, isso implica dizer que o cuidado com o corpo dos mortos tem a ver com uma espécie de homenagem à alma. Se um espírito está satisfeito, se seu corpo é bem cuidado, ele ajuda os comunitários. Trata-se, portanto, de um sistema interagente, uma vez que “there is no agency that is not interagency. There is no agency without agencement, a rapport of forces<sup>7</sup>” (DESPRET, 2013, p. 44). Neste processo, vivos e mortos dependem uns dos outros, é um ponto de confluência, onde a agência surge de forma natural.

Ingold (2015, p. 63) expõe tais questões na seguinte perspectiva: “trazer coisas à vida, portanto, não é uma questão de acrescentar a elas uma pitada de agência, mas de restaurá-las aos fluxos geradores do mundo no qual elas vieram à existência e continuam a subsistir”. Para o autor, são as coisas que estão na vida, não o contrário. A agência, sob a perspectiva do povo tradicional, é a consequência de uma forma de cuidado, que envolve afeto. Não é barganhar com a alma, é o cuidado como processo para que aí sim as agências possam surgir. Quer dizer, vivos e mortos não estão em lados opostos, fazem parte de uma mesma realidade, cujos fios precisam ser tecidos para unir estes elos. É o processo de tessitura da relação entre os vivos e os mortos que permite a agência.

A perspectiva da emoção também aparece nas observações de Vitória-Régia, 58 anos, agricultora:

Quem morre tem que permanecer neste lugar. A comunidade é o nosso lar. Minha mãe, minha avó, meu pai, todos foram enterrados aqui. Não tem esse negócio de ser levado pra longe. Do outro lado (em terra firme), ninguém cuida. Muita gente não fez por nós em vida, não é na morte que vai fazer. Quero ser enterrada aqui. Se o rio levar, levou, é da natureza. Acredito que o espírito está onde o corpo descansa. Prefiro o risco de cair na água a ser levada pra longe do meu povo. Aqui tem gente que me ama (ENTREVISTA, 2024).

“A busca de morrer bem está associada assim às estratégias lançadas por alguém em vida para livrar-se da morte eterna” (KOURY, 2003b, p. 59). Para Vitória-Régia, o desejo é o de permanecer na comunidade, entre os seus amigos e familiares, aqueles que para ela têm significado, e para quem ela também tem importância. “Até um passado recente, o homem enfrentava quase sempre a morte em casa, rodeado pela família.

---

7 Não há agência que não seja interagência. Não existe nenhuma agência sem agenciamento, uma relação de forças.

Seus familiares compreendiam-lhe as necessidades, os desejos, por viverem com ele há muito tempo” (ZIEGLER, 1975, p. 249). Tal perspectiva é presente na comunidade Passos da Virtude.

Após a feitura do caixão, geralmente em madeira de sumaúma, uma das mais usadas pelos comunitários, dá-se início ao rito fúnebre. O corpo é velado na rama-da<sup>8</sup>, durante uma média de 24 horas, a depender do tipo de óbito. A comunidade toda aparece para prestar suas homenagens, inclusive pessoas de comunidades próximas também vão. É comum todos levarem um prato de comida e uma bebida, independentemente de ser álcool ou não. A maioria dos comunitários permanece velando o corpo a noite toda, relembrando momentos da pessoa que faleceu, bons e ruins. O velório é animado, ao estilo gurufim, “[...] momento de chorar de saudade e celebrar os bons momentos que foram passados ao lado da pessoa falecida. A alegria é uma forma de enganar a morte” (NOGUERA, 2002, p. 69), para que o morto se sinta festejado. Xingu, pescador de 67 anos, explica a razão:

A morte é apenas uma passagem pra um mundo onde o corpo não existe, mas a pessoa permanece viva nas nossas memórias, vivendo entre nós de outras maneiras. A gente tem que celebrar a pessoa, com canto, com riso, tem muita comida, animação. Todos merecem homenagem. A alma não sossega com a tristeza. É um momento de todo mundo prestar suas homenagens. Se a alma percebe que ela é bem-vinda, não tem porquê de ela ir embora (da comunidade). Acredito que todos os nossos (amigos e parentes da comunidade Passos da Virtude) permanecem conosco (ENTREVISTA, 2024).

A crença na permanência da alma aparece nas vozes de quase todos os interlocutores. Naturalmente tais concepções estão intrinsecamente relacionadas às noções de religião cristã, tendo em vista que a maior parte do povo da comunidade Passos da Virtude se autodenomina católica. Jean-Claude Schmitt nos convida a analisar as percepções da morte explicadas por Xingu, ao afirmar que “[...] o que faz a pessoa é a associação de um corpo e de uma alma. Por isso os rituais [...] de morte atuam sobre esses componentes da pessoa: a pessoa, por seu corpo, é mergulhada na matéria e na história, por sua alma [...], ela é projetada na eternidade” (SCHMITT, 2018, p. 42-43). Daí a importância do rito e do cuidado com o corpo morto.

Mas diferentemente da percepção cristã tradicional, não existe cisão entre alma e corpo para o povo de Passos da Virtude, uma vez que cada parte destes componentes humanos não habita mundos diferentes, mas sim o mesmo mundo. A importância ritual

---

<sup>8</sup> Construção, geralmente em formato redondo, que ocupa o centro da comunidade. Não possui paredes, apenas vigas em madeira sob um teto de palha, onde as pessoas se reúnem para festas, velórios e reuniões.

é, portanto, uma forma de barganhar com a alma a sua presença no lugar e, consequentemente, gozar dos benefícios de sua força para a prosperidade e o equilíbrio da malha social da comunidade.

É desejo que o corpo permaneça. Os velórios ao estilo gurufim são realizados na esperança de alegrar as almas, dos que permanecem e, sobretudo, daqueles que partiram, para que elas não sintam o desejo de ir embora. A intenção não é afastar a morte, mas sim aproximá-la, algo que surge desde a negativa em aceitar os serviços funerários oferecidos pela prefeitura, passando pela feitura artesanal da urna funerária, o velório e o enterro. Xingu complementa: “ali (no cemitério) é onde o corpo descansa, mas a alma transita com a gente, no trabalho, na alegria e na tristeza. Todos os nossos que se foram (morreram) ajudam a cuidar desta terra, que também é deles” (ENTREVISTA, 2024). Passos da Virtude é um exemplo de “local como elemento intrínseco da pertença” (KOURY, 2003a, p. 78-79). A noção de pertencimento acontece independentemente da morte de um comunitário.

É necessário trazer à tona uma breve explicação a respeito da percepção de Xingu sobre o cemitério local. Tradição e costume se imiscuem nesse processo. Tradição é sepultar os corpos na várzea, enquanto que o costume é a compreensão dos fenômenos que são desencadeados a partir desta prática. Hobsbawn (1997, p. 10) explica que “o costume, nas sociedades tradicionais, [...] não impede as inovações e podem mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência do que deve parecer [...] idêntico ao precedente”. Aqui entra a problemática de função. A tradição permite uma forma de sepultar invariável, mas se abre à possibilidade de que sejam elaborados, intencionalmente ou não, novos ritos, desde que não prejudiquem o sistema de crenças e atendam às necessidades de sustentação do macrocosmo do povo tradicional de Passos da Virtude.

Passadas as 24 horas do velório, as pessoas mais próximas ao falecido carregam a urna funerária, e é a partir dali que os tabus de silêncio começam a ser guardados. Passos da Virtude não possui um padre, mas tem uma Ministra da Palavra<sup>9</sup>, que conduz a cerimônia, citando passagens bíblicas e iniciando os cânticos, sendo acompanhada de forma comedida pelos presentes. Uma vez enterrado o corpo, o séquito retorna à ramada, para limpar o local, em silêncio, e depois as pessoas seguem para suas casas. Ao indagarmos Cacau, 49 anos, Ministra da Palavra de Passos da Virtude, ela explica um pouco sobre os tabus:

---

9 Pessoa que não tem formação teológica, mas que é designada para fazer um curso de ministração bíblica na Vila do Careiro, a fim de conduzir a missa na igreja, uma vez que só existe um padre na Vila do Careiro, que atende todas as comunidades, visitando Passos da Virtude geralmente uma vez ao ano, na festa do principal santo local, São Lázaro.

É uma forma da alma se acostumar com sua nova vida. A expressão da alegria no velório é pra que a alma se sinta bem-vinda, que não sinta a necessidade de ir embora daqui, pois queremos que a pessoa permaneça. Por isso mantemos o corpo enterrado na comunidade. O silêncio é uma forma de respeito, não só com a família e os amigos, mas principalmente com o morto. Nosso cemitério é um lugar que tem muito significado pra nós (ENTREVISTA, 2024).

No livro *Meio Ambiente & Cemitério*, Pacheco (2012, p. 43), ao se referir à Idade Média, aponta que “os mortos retornam ao convívio dos vivos com a penetração de cemitérios no ambiente urbano, lado a lado com as habitações da comunidade”. O autor explica que os cemitérios campais foram abandonados, pois serviam apenas para sepultamentos no caso de pestes, pois a partir do Século VIII, os mortos voltaram a “conviver” com os vivos. Naquela época a morte era tratada com naturalidade, sobretudo em razão de que as pessoas morriam com muita frequência, acometidas por doenças ou até mesmo em batalhas (PACHECHO, 2012).

Passos da Virtude, desde a década de 80, quando a comunidade surgiu, jamais passou pelo processo de afastamento da morte. De acordo com Cacau, “a gente sempre enterrou aqui. Desde que eu era bem pequena” (ENTREVISTA, 2024). “O ritual de enterramento nos cemitérios locais continua sendo realizado muitas vezes sem que o enlutado se pergunte se deve adotar outra forma de ação que discorde daquela do meio em que ele foi socializado” (SILVA, 2011, p. 136). Para o povo tradicional, não é apenas uma questão de tradição e de costume, faz parte do seu sistema de crenças. Dadas as nossas observações de campo, a presença daqueles que morreram é fundamental.

Conforme já mencionado, a várzea sofre com o processo de erosão fluvial, que também atinge o cemitério. Contudo, quando os comunitários percebem que o cemitério está prestes a cair na água do rio Solimões, eles desenterram seus mortos, e recomeçam o cemitério um pouco mais afastado da beira da terra, para que não haja risco de quedas a curto prazo. Acontece que a erosão fluvial é imprevisível, às vezes é possível prever a queda pela rachadura na terra, mas nem sempre a rachadura ocorre. Urnas funerárias costumam cair no rio.

De acordo com Purus, o artesão da morte de Passos da Virtude: “É por isso (por causa da queda da terra) que construímos os caixões em boa madeira, a mesma que é utilizada para sustentar as casas flutuantes. Eu gosto de utilizar a sumaúma, que é boa e durável” (ENTREVISTA, 2024). Quer dizer, as urnas funerárias são projetadas para caírem e flutuarem na água.

Quando as urnas despencam no rio, os próprios moradores se organizam para recuperá-la. Xingu explica: “o ruim é quando a queda ocorre de noite, que o caixão vai

parar lá embaixo (do rio Solimões), às vezes se embrenhando na mata. Alguns dão muito trabalho pegar de volta, mas a gente sempre acha” (ENTREVISTA, 2024).

Embora a discussão seja de cunho sociológico, a problematização do tema também enseja uma discussão filosófica, posto que “[...] quando da caracterização da passagem da presença para o não mais ser presença, enquanto não-mais-ser-no-mundo, mostrar-se-á que quando a *presença* sai do mundo, no sentido de morrer, isso não pode ser confundido com o sair-do-mundo (...)” (HEIDEGGER, 2015, p. 315).

O que a filosofia propõe é uma nova perspectiva sobre a morte. Portanto, para o povo tradicional, dadas as observações de campo, a morte é a finitude do ente, mas não do ser. Na acepção de Heidegger (2015), ser e ente são categorias diferentes. O ente é o corpo, que serve como invólucro para o ser, que é consciência metafísica, pessoa, ou até mesmo a alma. Para os comunitários, o simples ato de cuidar e recuperar os corpos é uma forma de manter ser e ente em perfeita sintonia, pois um não existe sem o outro. Vitória-Régia ratifica: “se o corpo não estiver aqui, a alma também vai embora” (ENTREVISTA, 2024).

No ano de 2022, a BBC News Brasil (2002) trouxe uma reportagem sobre um relatório produzido pela Lancet Commission on the Value of Death<sup>10</sup> - LCVD, da revista Lancet, cuja intenção é apresentar o que um grupo de especialistas investigou sobre o significado de morrer em tempos atuais, com o título *Trazendo a morte de volta à vida*.

Uma das principais médicas que assina o relatório é Libby Sallnow, com quem a BBC News Brasil realizou a entrevista, sobretudo a respeito do que, no entendimento dela, significam a morte e o morrer. Seu principal argumento é o de que se deve diminuir o número de mortes em hospitais para as pessoas voltarem a morrer rodeadas por aqueles que amam. Além disso, deve-se pensar a morte como algo natural, assunto a ser debatido em todos os campos sociais.

“A morte se tornou tão desconhecida e fora do radar que isso nos leva a um círculo vicioso. Nós transferimos a responsabilidade de cuidar da pessoa para o sistema de saúde, quando o fim da vida pode acontecer no conforto de casa em muitos casos” (SALLNOW, 2022, p. 1). Outra discussão à luz do relatório é de que os cuidados paliativos sempre aparecem como única resposta à morte, além de que existe uma grande dificuldade em falar sobre o tema na cultura ocidental. “[...] Uma coisa que percebi como voluntária de um asilo era que ninguém falava sobre morrer. As pessoas tentavam esconder e fugir do assunto, o que só torna todo o processo mais difícil para nós mesmos” (SALLNOW, 2022, p. 1).

Naturalizar a morte é intenção do relatório da LCVD. Reaproximar o mundo dos vivos e dos mortos não é tão oneroso se olharmos para as comunidades tradicionais

---

10 Comissão sobre o valor da morte

que formam o Brasil. O povo tradicional de Passos da Virtude corrobora tal realidade. Algo que foi aprendido, muito provavelmente, com os indígenas que noutros tempos habitavam a várzea, como os Omágua, cujo “[...] morto era abraçado em grandes lençóis e enterrado na sua própria casa” (WITKOSKI, 2007, p. 66), porque acreditavam que ali a sua alma permaneceria, no seu lar. “Nossa compreensão é a de que os caboclos/ribeirinhos são, em grande parte, herdeiros legítimos do modo de vida dos *índios das águas* [...]” (WITKOSKI, 2007, p. 97).

As asserções supraditas necessitam de uma investigação aprofundada, ainda que existam muitas semelhanças entre povos tradicionais indígenas e não indígenas que residem na região da várzea amazônica. O que é possível afirmar de fato, dadas as nossas observações de campo, é que, a depender da região do Brasil, as concepções sobre a morte e o morrer ganham novas ramificações, onde os mortos sempre estiveram bem vivos, seja na fé, no rito ou na presença. Ser e estar com os outros não depende da matéria.

### **Considerações finais**

O artigo demonstrou como o povo tradicional de uma comunidade tradicional chamada Passos da Virtude, localizada no município do Careiro da Várzea, Amazonas, entende a morte e o morrer, seu sistema de crenças e o modo como incluem a pessoa morta no seio da sociedade, como um membro que não depende de corporeidade para se fazer presente.

Diferentemente da cultura ocidental, em Passos da Virtude o povo costuma estar em comunhão com seus mortos, cuidando dos corpos, construindo as urnas funerárias, desenterrando e reenterrando as pessoas que morreram em locais mais seguros, longe da beira da terra, pois a várzea amazônica sofre com o processo de erosão fluvial, que derruba grandes pedaços do terreno no rio Solimões, forçando os moradores a mudar seu cemitério em ciclos anuais. A queda da terra tem se tornado cada vez mais frequente em razão das mudanças climáticas que atingem todo o Brasil.

Cuidar do morto, para o camponês amazônico, é uma questão de afeto. Eles podem enterrar seus mortos no cemitério da Vila do Careiro da Várzea, sede do município, em terreno firme, mas preferem enterrá-los na comunidade, mesmo com a instabilidade da terra. Nas vozes dos moradores foi possível notar que as razões para enterrar na várzea têm a ver com o sentimento de pertencimento, da rede de interdependência entre os vivos e os mortos, cuja relação entre estes dois mundos não possui fronteira definida, pois todos fazem parte da mesma natureza, do macrocosmo do povo tradicional.

Apontamos ainda algumas semelhanças com os modos de vida de indígenas

que viveram na região, como os Omágua, de quem os camponeses provavelmente herdaram a relação com a água, o estilo de moradia e a agricultura da terra, inclusive a relação íntima com os mortos. Outros indígenas também tiveram a várzea como moradia. Porém tais afirmações necessitam ser melhor exploradas por meio de novas pesquisas.

A várzea é um ambiente em constante transformação; a depender da época do ano, possui seus riscos, como queda do barranco ou atasque de cobras, jacarés e araias, mas é rica em sedimentos. A terra nutre o povo local, nutre a vida e a morte, é o campo onde as pessoas tecem a sua teia de relações, é lugar repleto de significados e significâncias para os que lá permanecem: os vivos e os mortos.

Contudo, dadas as nossas observações de campo, a comunidade vem passando por um processo de mudança do seu ideário de morte. A hipótese tem a ver com o latente avanço das igrejas pentecostais nas comunidades amazônicas, como é o caso de Passos da Virtude. Algumas urnas funerárias foram levadas pelo rio Solimões, porque o desenterro e o resgate dos mortos não estão mais ocorrendo. Uma das contribuições da pesquisa de campo foi a identificação desta nova realidade, o que pode gerar outras categorias de análise, uma vez que foi identificada uma alteração no sistema de crenças local no que se refere ao cemitério, à morte e o morrer na várzea amazônica.

## Referências

- ARIÉS, Philippe. 2014. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp.
- BBC NEWS BRASIL. 2022. *A médica que quer mudar a visão sobre a morte no século 21: 'medicina não é o suficiente'*. Disponível em: < [https://www.bbc.com/portuguese/geral-60959537?fbclid=IwY2xjawFi9K1leHRuA2FibQIxMAABHXU4Okb-F\\_8oHx\\_DvkWYpgqIfaju9WBYQE1h4g9AL5dW8A31HzrIRkPuWBA\\_aem\\_Y\\_9T-J6kwKNILRDh8nepXZg](https://www.bbc.com/portuguese/geral-60959537?fbclid=IwY2xjawFi9K1leHRuA2FibQIxMAABHXU4Okb-F_8oHx_DvkWYpgqIfaju9WBYQE1h4g9AL5dW8A31HzrIRkPuWBA_aem_Y_9T-J6kwKNILRDh8nepXZg)>. Acesso em: 20 set. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. 2008. *A miséria do mundo*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- DESPRET, Vinciane. 2013. From secret agents to interagency. *History and Theory*, theme issue 52, Westeley University, 29-44.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. 1989. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. São Paulo: Hucitec.
- ELIAS, Norbert. 2001. *A solidão dos moribundos: seguido de "envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GALVÃO, Eduardo. 1976. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2ª ed. Brasília: Brasiliiana.
- G1 AMAZONAS. 2012. *Cheia do rio Solimões inunda nove cemitério no Careiro da Várzea*. Disponível em: < <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/05/cheia->

- do-rio-solimoes-inunda-nove-cemiterios-no-careiro-da-varzea-am.html>. Acesso em: 30 set. 2024.
- HOBBSAWN, Eric. 1997. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2022. *Censo demográfico*. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/careiro-da-varzea.html>>. Acesso em: 3 set. 2024.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2003a. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: Cláudia Leitão (Org.), *Gestão Cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 75-88.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2003b. *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes.
- MAFFESOLI, Michel. 2008. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense.
- MATOS, Gláucio Campos Gomes de. 2015. *Ethos e figurações na hinterlândia amazônica*. Manaus: Editora Valer/Fapeam.
- NOGUERA, Renato. 2022. *O que é o luto: como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda*. Rio de Janeiro: Harper Collins.
- PACHECO, Alberto. 2012. *Meio Ambiente & Cemitérios*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- PIRES, Felipe Magno Silva. 2024. *A influência pentecostal em uma comunidade de várzea amazônica: o ethos religioso de um povo das águas*. Manaus: Alexa Cultura.
- PORRO, Antonio. 1995. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Rio de Janeiro: Vozes.
- SALLNOW, Libby. 2022. *A médica que quer mudar a visão sobre a morte no século 21: 'medicina não é o suficiente'*. Disponível em: < [https://www.bbc.com/portuguese/geral-60959537?fbclid=IwY2xjawFi9K1leHRuA2FibQIxMAABHXU4Okb-F\\_8oHx\\_DvkWYpgqIfaju9WBYQE1h4g9AL5dW8A31HzlRkPuWBA\\_aem\\_Y\\_9T-J6kwKNILRDh8nepXZg](https://www.bbc.com/portuguese/geral-60959537?fbclid=IwY2xjawFi9K1leHRuA2FibQIxMAABHXU4Okb-F_8oHx_DvkWYpgqIfaju9WBYQE1h4g9AL5dW8A31HzlRkPuWBA_aem_Y_9T-J6kwKNILRDh8nepXZg)>. Acesso em: 20 set. 2024.
- SCHMITT, Jean-Claude. 2018. *O corpo, o rito e os sonhos: ensaios de antropologia medieval*. Petrópolis: Vozes.
- SILVA, Andréia Vicente da. 2011. *Ritualizando o enterro e o luto evangélico: compartilhamento e incomunicabilidade na experiência da finitude humana*. Rio de Janeiro. Tese (doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- STERNBERG, Hilgard O'Reilly. 1998. *A água e o homem na várzea do Careiro*. 2ª ed.

Belém: Museu Emílio Goeldi.

VAN GENNEP, Arnold. 2013. *Os ritos de passagem*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.

WITKOSKI, Antônio Carlos. 2007. *Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.